

JORNALISTA JAIRO CALADO

O JORNALISTA JAIRO CALADO, ANIVERSARIU-SE NO DIA 14 DO CORRENTE. TERÇA-FEIRA O NOSSO POVO SE INCLINOU COM RESPEITO A ESSE HO-MEM, QUE ALCAN-ÇOU O BRILHO DE UMA TRADIÇÃO DE FAMILIA, NA IMPRENSA CATARI-NENSE.



SEU JORNAL "A GA-ZETA" SURGIU DA VO-CAÇÃO JORNALISTICA DE UM LUTADOR, PA-RA CUMPRIR DESTINO DE LUTA. NASCEU DES-SES ENTUSIASMOS QUE NÃO PERECEM AS ES-QUIVANÇAS DO DI-NHEIRO, E TEM VIVIDO ASSIM A OBRA DE HO-MENS PARA OS QUAIS A EXISTENCIA SERIA

INCOLOR FÓRA DA AT-MOSFERA DO JORNA-LISMO COMBATIVO. PODEROSAS INTELI-

GÊNCIAS PRINCI-PIARAM A FULGURAR NAS PAGINAS DESSE DIÁRIO E COMO QUE SAIRAM DALÍ PARA OS POSTOS DE COMANDO DA VIDA CATARINEN-SE.

JAIRO CALADO, QUE FEZ SUBIR MUITA GEN-TE, CONTINÚA SENDO, POREM, O DIRETOR DE UM JORNAL, SÓMENTE RICO NO AMOR AS BOAS CAUSAS. INFOR-MANDO E ABRINDO CA-MINHOS CERTOS A OPI-NIAO PÚBLICA — JAIRO CALADO, ATRAVÉS A SUA FOLHA PROSEGUE LUTANDO, PORQUE OS JORNAIS FEITOS PARA O POVO TEM QUE VI-VER COMO O POVO: LU-TANDO...

Agressão que revoltou
tôda a imprensa e o
Povo em geral

x x x

A volta de um
"Gangster"

Reportagem na última página

x x x

Reportagem completa
da zona carbonífera
de Criciúma

x x x

Greve dos Marchantes



"A volta de Adhemar é uma grande ameaça para o próprio regime. Ninguém ignora que esse cidadão não respeita a lei, não respeita a sociedade, e não respeita a família brasileira. Respeita apenas aquilo que o interêsse, á flor da pele, determinar. Se para alcançar a presidência da República fôr preciso brigar, fazer revolução, sabotar o regime, comprar parlamen-tares e políticos, êle fará tudo isso e mais alguma coisa".

O TEMPO

Quase saqueada a Igreja do Estreito

Tentativa de assassinato

Nos dias da semana passada, o vigário da igreja de Nossa Senhora de Fátima, do Estreito, realizou festejos profano-religiosos, com o fito de angariar óbulos para a igreja. As barraquinhas funcionaram até sábado último, tendo sido bastante frequentadas pelos fiéis.

Após os festejos de sábado, eram cerca das 11 horas da noite, quando a porta central do templo é arrombada. Reinava profundo silêncio no sagrado recinto e ninguém, mesmo o vigário, deu pela emboscada. Não se contentando o ladrão com os cofres, destinados a guardar os poucos níqueis adquiridos nas festas, em prol do melhoramento da igreja, deixou o espaço que compreende o altar-mór e a nave central se enveredou pela sacristia, onde dá acesso a residência paroquial.



Frei Cassio

O esperto gatuno, munido de instrumentos adequados, conseguiu abrir a porta do quarto de Frei Cassio, o vigário; este, esquecido no repouso justo que a fadiga diária lhe

permitia, a principio não ouviu nem viu o que se estava projetando. Acordou-se porém, quando sua vista era projetada pela forte luz da lanterna elétrica que o bandido trazia consigo. De subito, levantou-se para defender-se do malfeitar. Foi quando, talvez por remorsos de consciências, disparou em frenética corrida pelos corredores e escadarias que dão para a sacristia da igreja.

Não o perseguiu o bom padre, porque confiava ainda no arrependimento de um "bom ladrão". E lá se foi o amigo do alheio descançado e tranquilo.

Fazemos, diante do exposto o nosso apêlo ao policiamento da capital, no sentido de melhor cuidar do bem estar particular e coletivo do nosso povo e das nossas instituições.

O TEMPO

Semanario Independente

Diretor:

J. J. BARRETO

X X X

Redator-Secretário:

HELIO K. SILVA

X X X

Redatores:

OSMAR COOK

HAMILTON ALVES

SALVIO DE OLIVEIRA

HELIO B. DOS SANTOS

X X X

Redação, Gerência e

Publicidade

Rua Tiradentes, 17

Telefone 1445

Cx. Postal, 269

Florianópolis - Sta. Catarina

— Brasil —

X X X

Os conceitos emitidos em artigos assinados são da inteira responsabilidade dos seus autores.

CONTRIBUIR PARA A ASSOCIAÇÃO CATARIENSE DE COMBATE AO CANCER É DEFENDER A SUA E A VIDA DO SEU SEMELHANTE.

Mensagem da Roça

A. Barreto Bossle

Hoje a mensagem não é minha. Recebí uma carta e tal qual foi redigida, transcrevo-a:

Prezado sinhô:

Cá felicidade bata na sua porta. Arresorví escrevê esta prônode pidí a sua ajuda nas morte naturá das galinhas e mais aves penosas deste distrito. De uns tempo prá cá, as danadas vem morrendo sem que lhe torça o pescoço, sem que lhe bôte a faca na guêla. Vão pró galinheiro bôa, aminehem mortas. Tem dia de morrê cincoenta.

Num sabemo mais o que dá. Benzedura não adiantou. Agua de sabão, ajuda a mata. Nem chá, nem purgante impêde de as mardita cruzá as mãos sobre o peito e dá o adeus, tia chica. Como uma vês li nos jorná que aí na cidade inxêste uma ripartição do governo, com médicos para galinhas chamados vitrinários e dizia o jorná que os mesmo ganho do governo prá cuidá dessas coisas; que além di tudo ainda tem remédio

do bom prá dá prá elas, resorví inscrevê esta prá vancê falá c'ô eles prá módé mandá um portadô aquí tratá as ave. Num sei si eles pôde ví, pois di certo esses dotô ganho da nação prá cuidá dos bicho só mesmo na ripartição e certamente não vão perde tempo cuidá da defêsa animar cá entre nós. Mais como atualmente o impossive acontece, até mesmo COAPIANDO dos ôtro, quem sabe vancê fazia com que êsses empregados do ministério da agricultura nos asfalto, olhasse purisso.

Se vancê vê qui num diante, num tome providencia. Nem promêta praquê de promessa já temo farto e cheio e pur causa delas já perdemo munta galinha, só com a diferença que essas nós mata-va.

Inspero resposta.

Seu criado.

Manêca Silva

X X X

Esta foi a carta que recebí. E sei que fala a verdade, pois mesmo cá em casa só um dia, ví morrer um peru e 3 gali-

nhas. Não pedí nenhuma providência, porque jamais ví aquí na roça, qualquer funcionário da agricultura ou da defêsa animal, jamais ví alguê dêsse departamentos especializados socorrer os nossos homens do campo. Eu os tenho visto sempre na Capital. Porisso não apelei para ninguem, mesmo porque eu considero esses organismos sem nenhuma serventia prática para o homem do interior, para o pequeno lavrador e até mesmo, devo confessar, para não vir aquí, para não assistir daquí ás necessidades da lavoura, é um dinheiro mal gasto que ~~me faz~~ Atendo, porém ao pedido do Manêca. Talvez alguê o ouça. Que Deus me ouça!

ALUGA-SE

Ampla Sala para Escritório, Representações ou Consultório Médico, localizada no prédio da rua Nunes Machado, n. 17 — Sobrado.

Informações na Casa Qrem a rua Conselheiro M. 24.

A Jogatina de Araranguá

Teve a nossa reportagem conhecimento de graves ocorrências praticadas pelo sr. Juiz de Direito de Araranguá, sr. Anisio Dutra, que compactuando com profissionais da jogatina daquele município, entregou aos contraventores o material apreendido em bem sucedida delinquência policial.

A nossa reportagem sabedora em Florianópolis da presença do sr. Francisco Arthur Espíndola, que se encontrava de passagem por esta capital, procurou-o afim de entrevistá-lo. Ao entrar em contacto com a nossa reportagem, que o colocou a par do que pretendia, logo se prontificou a nos relacionar todos os acontecimentos, ligados ao encaldoso fato verificado em seu município.

Informou-nos então S. S.: O dr. Anisio Dutra, Juiz de Direito de Araranguá, em um ato que muito depõe contra a dignidade e compostura de seu cargo: desrespeitando a lei, fez pessoalmente a entrega ao sr. Osny Ortega e a seu cunhado de todo o material apreendido pelo Tenente O. Rech Hel. E, de Tubarão, numa batida feita ao Casino de Passo do Sertão.

E continuando, disse-nos o sr. delegado: Este material que compreendia uma rolta no valor de Cr\$ 1.400,00, uma mesa de carufista; uma de bacará; um relógio marca Omega de ouro; trinta e dois baralhos; onze notas promissórias em branco; duas mil fichas no valor de Cr\$ 20,00, Cr\$ 50,00, .. Cr\$ 100,00, Cr\$ 500,00, .. Cr\$ 1.000,00 e Cr\$ 5.000,00; além da importância de ... Cr\$ 10.190,00 em dinheiro, que se encontrava depositado no Banco ... foi entregue mediante um simples recibo assinado pelo advogado sr. Osny Ortega.

S. Excia., o sr. Anisio Dutra, dr. Juiz de Direito de Araranguá não foi correto. Digo isto porque certa ocasião o J. D. S. A. D. mostrou-me um tal radiograma do sr. H. Corregedor do Tribunal, no qual se torna impossível entregar o ... uma vez que existia o processo não julgado pela Justiça.

A atitude este Juiz merece ser repreendida, pois com esta irregularidade praticada pela mais alta autoridade do município, não poderá a policia levar a cabo a campanha moralizadora, como vem fazendo, em torno da jogatina existente naquele município.

E' lamentável que fatos como esses venham se desenvolvendo em meu município. Lamento sinceramente e quero pelas colunas de seu jornal, lançar o meu formal protesto contra a atitude dêste juiz que veio comprometer a minha comarca.

Apelo para o Tribunal de Justiça, no sentido de tomar medida enérgica, contra o abuso praticado pelo juiz, não deixando o povo de Araranguá descrever da Justiça de nosso Estado que é tida como imparcial, honesta e cumpridora de seu dever.

Araranguá muito espera, e aguarda ansiosamente o pronunciamento do Tribunal.

Nesta altura o nosso repórter interrompe o sr. delegado para perguntar-lhe se tinha conhecimento de que o sr. Anisio Dutra, Juiz de Direito de Araranguá, não vinha cumprindo seu mandato, outorgado pelo Egrégio Tribunal de Justiça.

Proseguiu o sr. Francisco Arthur Espíndola: O sr. Anisio Dutra, juiz de Direito de Araranguá, nunca cumpriu com suas obrigações de juiz, vivendo sempre à sombra da administração passada, fazendo politicagem barata, protegido pelos seus padrinhos da política anterior. Jamais o meu povo sofreu tanto, passando até mesmo por humilhações, por causa dêste Juiz venal. Sei, sr. repórter, que me estou entusiasmado, mas não posso deixar de falar assim. O sr. Anisio Dutra, a despeito de tudo e de todos não merece a nossa confiança, e não sei como ainda é conservado lá. Será proteção?

E terminando, disse-nos que tudo esperaria do pronunciamento do Tribunal e estaria certo de que este tomará as providências exigidas.

O TEMPO

J. J. BARRETO

Sempre estivemos ao lado dos que são a favor da colaboração dos partidos oposicionistas com o governo federal. Isto, porque desde logo, compreendemos não haver, numa colaboração administrativa, desvirtualmente, por parte de tais agremiações, na sua linha política.

A resistência oposta pelo udenismo a qualquer entendimento com o governo é ditada, de um lado, pelos temores de vir a sofrer o partido, em futuro não muito distante, diminuição na sua força eleitoral, e de outro, pela permanência do espírito de hostilidade à pessoa do sr. Getúlio Vargas. Estes dois motivos, porém, estão sendo superados. Evidentemente, o prestígio da União Democrática Nacional, entre os seus partidários, não sofrerá abalos com a sua participação ativa nas responsabilidades da administração pública, posto que o seu eleitorado é esclarecido e deste modo está em condições de fazer distinção entre cooperação de ordem administrativa e solidariedade política. Nem o espírito de hostilidade, que se atribui como vingança histórica, deve prevalecer quando se trata de dar ao governo forças para bem governar o país. Considere-se o passado coisa morta, pois se formos analisar imparcialmente os fatos sociais e políticos, que culminaram com o advento do estado novo, forçosamente teremos de admitir esta máxima filosofia de um pensador, que não nos ocorre no momento: "o despotismo é menos crime de um homem do que o castigo de um povo, pecado nacional".

O que está em cogitações no presente são os interesses economicos e sociais da república e não os da pessoa do seu Presidente. E por isso mesmo, não há razão para preocupações a respeito da conduta futura do sr. Getúlio Vargas. Já atingimos a maturidade política e devemos confiar em que as nossas forças armadas e os nossos homens de poder saibam zelar pela sobrevivência do regime democrático. E afinal de contas o apêlo presidencial de 3 do corrente é uma profissão de fé democrática, e além disso não deixa nenhuma dúvida sobre a espécie do apêlo que o governo reclama.

Sigam, pois, os partidos, o caminho claro da razão para que o governo realize a sua missão de melhorar a vida brasileira.



AFLITIVA A SITUAÇÃO DOS MINEIROS DE CRISCIUMA, DESHUMANAMENTE EXPLORADOS PELOS TUBARÕES DA INDÚSTRIA CARBONÍFERA EM SANTA CATARINA. FALTA DE ASSISTÊNCIA MÉDICA, PAGAMENTO DE BENEFÍCIOS PREVISTOS POR LEI E OUTRAS MELHORIAS DA VIDA AOS SETE MIL MINEIROS QUE AINDA PAGAM ALUGUEIS DE CASA, EXIGIDOS PELAS PRÓPRIAS COMPANHIAS. A REPORTAGEM DE "O TEMPO" EM COMPANHIA DO DEPUTADO PESSEPISTA ENORY TEIXEIRA PINTO, ESTEVE "INLOCO" AVERIGUANDO AS DIFICULDADES QUE CERCAM A VIDA DOS LABORIOSOS MINEIROS EM CRISCIUMA



A reportagem do "O TEMPO", Deputado Enory Teixeira Pinto e os dirigentes do Sindicato, em visita ao Poço n. 9 da Sociedade Carbonífera Próspera, em Crisciuma. No foto aparecem alguns operários que servem na referida Mina, percebendo 16 cruzeiros diários e pagando aluguel de casa. Um deles possui mulher e cinco filhos menores, além de sua progenitora e um irmão, todos eles vivendo com 480 cruzeiros mensais

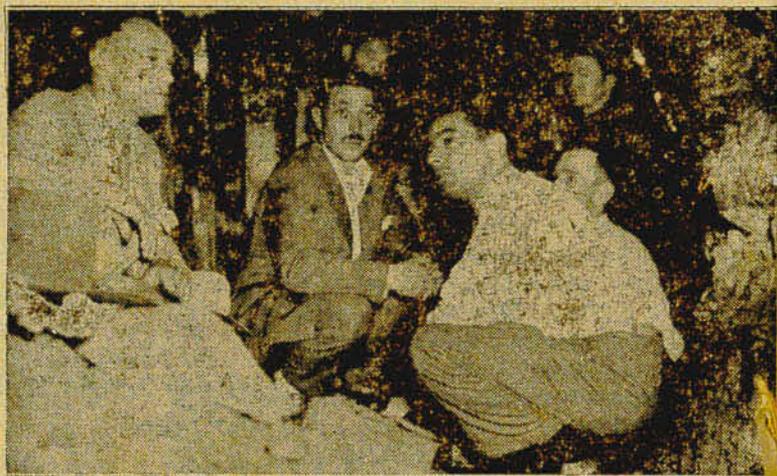
Ainda que pareça incrível, um exame do nível econômico dos homens que trabalham nas minas de carvão do sul de Santa Catarina, atestará, de sobejo, a miséria iníqua em que vivem, explorados pelos "tubarões" que atualmente infestam o Brasil, com sua ação nefasta e verdadeiramente desumana.

O carvão — a maior fonte da riqueza econômica cata-



Os srs. Galdino Amaral e Pedro A. Miranda, dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão em Crisciuma, quanto desabafavam suas queixas ao Deputado Enory Teixeira Pinto e ao repórter do jornal "O TEMPO"

rinense, já tão debatido na Câmara Federal pelos deputados Jorge Lacerda e Leoberto Leal — enquanto para alguns proporciona ótima e rendosa fonte de enriquecimento, para outros, ou melhor dito, aos mineiros — aqueles que extraem do sub-solo a preciosa hulha negra para fazer movimentar os trêns da Central e as máquinas da Siderúrgica Nacional, em causticante trabalho nas escuras e pouco higiênicas galerias subterrâneas — só concede aos que nelas perdem grande parte de suas vidas, um magro salário, o qual, em alguns casos, se limita à irrisória e mesquinha quantia de apenas 16 cruzeiros diários, ou seja, 480 cruzeiros mensais, destinados a aquisição de uma alimentação limitada e bastante cara. A referida cifra, nem atinge ao chamado "salário mínimo" que vigora na importância de 600 cruzeiros. De que vivem os que percebem tão insignificante ordenado, em confronto aos "big-shots" que andam de "ordillacs" e se

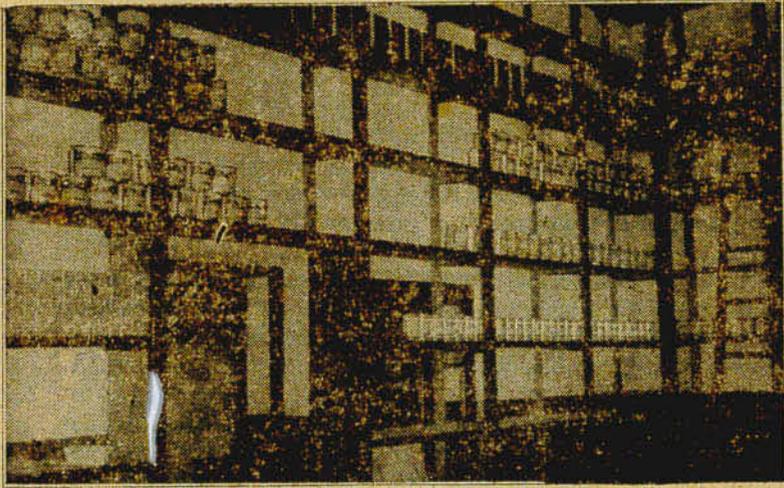


A maioria das Minas de Crisciuma não permite que se permaneça de pé em seu interior. O flagrante demonstra a precariedade do serviço de extração do carvão: galerias cheias de água e infestada de ratos, na qual o mineiro permanece trabalhando de oito a dez horas por dia

alimentam à base de um cardápio selecionado? Triste contraste dessa triste realidade que chamamos Brasil!

Por vezes, um mineiro doente de entrace, fazendo esforços tremendos em galerias subterrâneas, a respirar poeira e a ficar sujeito a viver em ambiente de constantes variações de temperatura, húmido e infestado de ratos, para não ficar privado dos magros cruzeiros pagos pelas Companhias exploradoras, não só do carvão, como também de energias humanas, numa escravatura de homens que até hoje têm passado despercebida das autoridades constituídas que regem os destinos do nosso país humano, exigir de uma criatura que concorre suór, para a grandeza do empregador e a precária saúde, mesmo que a sua capacidade de trabalho te

frido redução de apenas 40%, maior índice de produção tão mal recompensada? E' sabido que um doente de "entra-cóse" (pó de carvão cobrindo os tecidos pulmonares) voltar ao serviço, trabalhar de 8 a dez horas no sub-solo onde existe agua em abundância, lama e más condições de serviço só poderá agravar o seu estado de saúde. Infelizmente a verdade é que os corações de pedra — mais duros do



Prateleiras parcialmente vazias e um pequeno "stock" de papel higiênico, para servir a sete mil mineiros — Eis a triste situação que atravessa o Posto n. 40 do SESI em Crisciúma

que o carvão — que dirigem as minas de Santa Catarina, indiferentes aos sofrimentos de seus subordinados, exigem dêles o máximo em troca de coisa alguma e não levam em consideração o estado de saúde dos pobres mineiros — em certos casos deplorável — os quais, dado o "trust" existente nas zonas carboníferas catarinenses, quando despedidos de uma Companhia, ficam liquidados, pois é sabido que não conseguirão obter emprêgo em outras congêneres. Quando um mineiro se rebela contra as péssimas e desesperadoras condições de vida que lhe são proporcionadas, será sumariamente despedido e tão logo isso aconteça, entra em funcionamento um significativo "ofício-circular" que, na realidade encerra uma ordem para que o prejudicado arrume suas malas e deixe o lugar, ou prefira conhecer uma miséria mais negra do que até então conhecia. As outras Companhias lhe negam emprêgo, obedecendo assim, ao elaborado plano pelo famigerado "trust", conforme apurou nossa reportagem, em palestra com membros do Sindicato dos Mineiros de Crisciúma. Baseados em seus dizeres, podemos declarar aos leitores que a Companhia que melhor assiste aos seus trabalhadores é a Sociedade Carbonífera Prospera, dirigida pelo sr. Heriberto Hulsen — representante do Sindicato Nacional de produção e extração do carvão — com que tivemos a oportunidade de palestrar demoradamente, em seu escritório. O sr. Heriberto Hulsen acha justos os reclamos dos mineiros, ante os inúmeros problemas que envolvem suas vidas e fez vêr ao repórter os motivos que, sem justificar, originam o "impasse" em fóco.

Eis um pouco do "estado de coisas" que envolve a vida dos homens que trabalham nas minas de carvão de Crisciúma, Santa Catarina — Estado que, no Congresso para Federal, conta com figura de real destaque no cenário nacional. Por acaso não estarão êles, os

homens que tanto prometeram por ocasião das monumentais campanhas eleitorais — cientes da situação aflitíssima dos nossos mineiros? E' possível que não. E porque motivo? Fácil é a explicação: quando visitam em comissões — as zonas carboníferas de Santa Catarina, são recebidos pomposamente pelos "tubarões", participam de banquetes regados a champagne francesa, são alvos de cavaliante honrarias e esquecem o dever de auscultar os mineiros, autênticos flagelados do carvão. Limitam-se êles tão somente a conviver com os "grandes" para fazer um relatório em tôrno da vida dos "pequenos", contendo "tudo o que viram" quando da festiva visita. Coisa absurda e difícil de acreditar!

Não obstante, os relatórios são feitos e até agora a situação dos mineiros continua sendo a mesma de antes, talvez pior, dado o crescente custo de vida.

Os mineiros — condenados ao desespero e a miséria — são individuos rudes, em sua maioria analfabetos, que sofrem diretamente a terrificante provação dos maléficos resultados da extração da hulha e por isso, tornam-se merecedores do auxílio que lhes podemos e devemos conceder (o plural generaliza mas, a verdade que a tarefa de assistilos cabe ao Govêrno Federal) pois, sabemos-os capazes tènicamente (fisicamente, uma interrogação!) para o trabalho insano em que se conduzem diariamente; mostram-se de uma resistência moral a toda a prova (desconhecem a palavra "greve") e trabalham pelo engrandecimento econômico do Brasil, muito embora sejam miseravelmente explorados por homens que fazem juz a uma denominação meio "zoológica".

Que o Govêrno Federal — fugindo aos planos de rotina — faça algo em favôr dos nossos mineiros e verá não haver sido em vão o esforço empregado para que êles encontrem na extração da hulha, não um sofrimento atroz, mas um meio de vida digno, bem recompensado e sobretudo humano, capaz de impedir que êles — descrentes da bondade e da justiça dos que governam o Brasil — se achem às doutrinas comunistas — que tudo prometem numa seqüência de atraentes mentiras — que facilmente polarizarão as atenções daquele grande número de trabalhadores.

(Por Mario Freyesleben — Especial para "O TEMPO")

Continua no próximo número



O SESI não tem "stock"; sua situação é deplorável — Afirmou ao repórter do "O TEMPO" o seu responsável, sr. Waldir Costa Viana

O que é o Espiritismo?

Denunciar perigos é sempre uma obra de caridade. Nem mesmo quero recorrer aos médicos e psiquiatras, para eles me dizerem que é o espiritismo quem oferece o maior contingente de candidatos ao manicômio. Eu gosto muito mais de citar Allan Kardec, mestre supremo do espiritismo e extremamente acatado pelos nossos espíritas brasileiros que lhe respeitam todas as palavras, quase todas elas diretamente ditas pelos mais sublimes e perfeitos espíritos... Pois nosso grande mestre tem uma obra com este título: "O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos convocadores", com 413 páginas, muito espalhada pelo Brasil, pois tenho agora comigo a vigésima edição em português (136º milhar!). O Dr. Xavier de Oliveira, professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio e médico do Hospital Nacional de Psicopatas, no estudo "Espiritismo e loucura" (Rio 1931), p. 211, escreve o seguinte: "O livro dos médiuns de Allan Kardec é a cocaína dos debilitados nervosos que se dão à prática do espiritismo. E com agravante mais: é barato, está ao alcance de todos, e, por isso mesmo, leva mais gente, muito mais, aos hospícios, do que a "poeira do diabo", a "coca maravilhosa"... é o tóxico com que se envenenam, todos os dias, os débeis mentais, futuros hóspedes dos asilos de insanos. Lêem-no, assimilam-no, incluem a essência diabólica de que é composto, caldeiam os conhecimentos nele adquiridos nas sessões espíritas, e com o delírio mediúnico que, geralmente, veem entreter esses tarados, só têm dois caminhos a seguir: ou mais um médium convicto e convincente ganha mais macumbas do Rio, ou mais um psicopata ganha os manicômios desta Capital. O espiritismo é, em verdade, entre nós, um grande fator de alienação mental, tanto para os que o estudam, quanto para os que o praticam".

Se um médico, com experiência quotidiana e contacto direto com essas pobres víti-

mas, faz tão grave acusação, não deveriam, pergunto, as autoridades do país, encarregadas de cuidar do bem da nação, proibir a venda e difusão deste livro, assim como se proibe a cocaína e outros venenos semelhantes?

Mas abramos o famoso livro de Kardec, para ver o que nos diz o grande mestre da mais eficiente fábrica de loucos. Kardec reconhece que a faculdade mediúnica é, às vezes, anormal e pode produzir prejuízos ao estado físico e moral do médium; concede que nas pessoas que já têm predisposição para a loucura, o exercício da mediunidade leva à loucura e aconselha "que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista"; sustenta ainda "que é muito perigoso" desenvolver a mediunidade nas crianças e recomenda a "não lhes falar do assunto" (219-220). Observassemos nossos espíritas ao menos esses sábios conselhos e evitariam muitos casos de loucura. Isso, digo-o em abono do mestre. O pior vem agora:

Allan Kardec escreve na p. 257 que "a obsessão é um dos maiores escolhos da mediunidade e também um dos mais frequentes". Um dos mais frequentes! E para ele obsessão é "o domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas" (p. 254). Essa definição, naturalmente, como também as outras que seguem, só são aceitáveis dentro da hipótese espírita. Kardec subdivide a obsessão em obsessão simples, fascinação e subjugação.

Obsessão simples se dá "quando um espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados" (p. 254). — A fascinação "é uma ilusão produzida pela ação direta do espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio"; e afirma que tem consequências muito graves: "Graças à ilusão que dela decorre, o espírito conduz o in-

divíduo... como faria um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas" (p. 255). — A subjugação pode ser moral ou corporal. Na subjugação moral "o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas"; no caso da subjugação corporal "o espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários e... pode levar aos mais ridículos atos". E dá este exemplo: "Conhecemos um homem que não era jovem nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via cons-

trangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça, a cujo respeito nenhuma pretensão nutria, a pedi-la em casamento. Outras vezes sentia nas costas e nos jarretes uma pressão, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão" (p. 256).

Pelas descrições que o mestre faz daquilo que ele chama de obsessão, fascinação e subjugação, vê-se que é exatinho aquilo que nós denominamos de alienação mental, tics, esvazio e loucura. É mera questão de nome...

E tudo isso — e aí está o mal confesso — é um dos escolhos mais frequentes do espiritismo prático...

Dr. Boaventura Kloppenburg

Caprichos

Por Paulo Di Bernardi Pires

Termina o filme.

Ele, num gesto de rotina, tira um cigarro, acende, enquanto se encaminha pela estreita saída.

Aquí fora, sopra um vento frio, penetrante.

Olha o relógio:

— Nove e trinta e cinco, ainda é cedo.

— Levanta a gola do capote, abaixa o chapéu e encaminha-se para um bar.

— Ei, garçon, me dá um ponche quente.

— Enquanto espera põe-se a olhar o ambiente.

Nenhum conhecido.

Entretanto não pode desviar à vista da mesa da direita.

Uma bela jovem, 18 ou 19 anos, conversa alegremente com sua colega.

De repente, ela o descobre em sua contemplação.

Mostra-se meio embaraçada, ageita-se na cadeira de formas a dar-lhe as costas, mas observá-lo pelo espelho, sem contudo ser observada.

O truque não é descoberto

e êle remoe em seu interior um mal estar, despeito digamos, pelo desprêso com que fôra tratado.

Entretanto, promete aos seus botões que aquilo não ficaria assim, — custasse o que custasse.

Ela continuava a conversar e pelo espelho goza o efeito de sua brejeirice, que se acha estampada na fisionomia dêle.

Finalmente termina o lance, paga e encaminha-se para a saída.

Êle a segue com o olhar enquanto paga sua despesa.

Depois, num passo rápido procura alcançá-la.

Alcança:

— Boa noite, posso acompanhá-la?

— Ora, mas que atrevimento, fique sabendo que eu não costumo falar com estranhos!

— Sendo assim eu me apresento: João Masi.

— Muito prazer, Maria Célia.

— Agora que nos conhecemos posso levá-la em casa.

— Pode...

In... Discrições

A IMPRENSA, como sempre, a grande fôrça. Nos movimentos que se avolumam, quer de caráter social, econômico, ou, simplesmente, de agremiações partidárias, os homens que fazem jornal, que se jogam à luta anônima, que se debatem contra as calamidades públicas, que se transformam em advogados nas grandes causas que o povo transforma em combates de vida ou morte, a imprensa é a máquina que impulsiona, que faz caminhar, que faz andar quanto, paralisado, não poderia deixar de subsistir...

Está sempre presente o homem do jornal, como o do rádio. Ambos, conjugam esforços, ampliam comentários, difundem idéias, dando fôrma às aspirações populares. Ninguém, que conheça o fator de um jornal, de uma simples notícia, encaixada em um canto qualquer de algumas páginas impressas, poderá negar o valôr dos que se transformam em defensores das reivindicações coletivas. Ninguém, que saiba que vivem os homens da pena pelos interesses do povo poderá negar que sem esse veículo gigantesco, as aspirações populares ficarão marcando passo, porque isoladas, sem consistência...

Mais um fato comprova a fôrça da imprensa, — o caso da carne verde, que os marchantes sonegaram ao consumo público, forçando a alta no preço, expediente que todos já conhecemos... Os jornais levaram ao conhecimento público, em detalhes, as razões dos fornecedores desse produto. O povo, aos poucos, foi conhecendo, nas minúcias o acontecimento, que passou a constituir motivo fôrça às palestras. Depois, surgiram os comentários. Tomaram fôrça as manchetes, os suêltos, as simples noticiais. O caso foi para a COAP. E, lá, então, o representante dessa imprensa, preferiu demitir-se, para não trair o povo, como muito bem se pronunciou um dos matutinos locais. O caso se foi tornando grave. Os marchantes fôram sentindo os efeitos da fôrça da imprensa e, tentaram, mas já tarde, conciliação... Mas, o jornalista não parou na sua caminhada. Prosseguiu, lenta e pacificamente, observando e comentando... De repente, a Assembléia se pronunciou. A imprensa já não estava lutando sôzinha. Os representantes do povo, cumprindo mandato que lhes outorgou para que o defendesse contra os que não querem o seu bem-estar, também protestaram. E fôram mais além — estudaram as providências que viessem solucionar o problema, já que não poderia o assunto ficar apenas nos noticiais e nas manchetes.

E, dentro de menos de 24 horas, o Govêrno do Estado, em ação conjunta com o sr. Benjamim Soares Cabelo, Presidente da COFAP, responsável pelos destinos das COAPS e Cia., no Brasil, encontrou fórmula para a solução do problema e a carne não constituiu mais razão para apreensões da população.

Venceu a imprensa. Venceu a Assembléia. Venceu o próprio sr. Governador do Estado. Mas, a maior vitória foi a do POVO, que DERROTÓU, logo de início, OS TUBARÕES DA CARNE...

x x x

A IMPRENSA é uma grande fôrça. Mais um fato o demonstra.

Que façamos da IMPRENSA o legítimo defensor das causas que sejam, de fato, dignas de um povo democrata,

"O TEMPO" ENSINA INGLÊS

O INGLÊS ATUAL DOS ESTADOS UNIDOS
(AMERICAN ENGLISH)

LESSON XIII (Décima Terceira Lição)

Por. A. A. BOUSON

O verbo "To Have" — Ter (continuação)

Nota: Na Inglaterra o verbo "to have" não pode ser auxiliado pelo verbo "to do", ao passo que nos Estados Unidos isto é permitido e bastante comum. Assim, nas formas negativas, interrogativas negativas, conjugar-se-ia da seguinte maneira o presente e passado do verbo "To Have":

Presente do Indicativo (Present Tense)

Negativo

I do not have (abreviado I don't have) — Eu não tenho
You do not have (abreviado You don't have) etc.
He, she, it does not have (he doesn't have)
We do not have
You do not have
They do not have

Interrogativo

Interrogativo Negativo

Do I have? Tenho eu	Do I not have? (Don't I have?)
Do you have? etc.	Do you not have? (Don't you have?)
Does he, she, it have?	Does he not have? (Doesn't he have?)
Do we have?	Do we not have? (Don't we have?)
Do you have?	Do you not have? (Don't you have?)
Do they have?	Do they not have? (Don't they have?)

"DO" pronuncia-se "du"

"does" pronuncia-se "daz"

"don't" pronuncia-se "dònt"

"doesn't" pronuncia-se "dazent"

Passado (Past Tense)

Negativo

Interrogativo

I did not have (I didn't have)	Did I have? Tive eu?
You did not have	Did you have?
he, she, it did not have	Did he, she, it have?
We did not have	Did we have?
you did not have	Did you have?
they did not have	Did they have?

"Do" é o presente do verbo "to do" — fazer (auxiliar)

"Did" é o passado.

que nasceu e vive sob o signio da CRUZ. Façamos das campanhas da IMPRENSA a prova irrespondível de que a liberdade de pensamento é a sua maior fortaleza.

USEMOS a FORÇA DA IMPRENSA para campanhas nobres e nobilitantes e nunca como veículo de retaliações pessoais, nem tão pouco como desorientadora da opinião pública, porque seria, dessa mesquinha e tôrpe concepção, a NEGAÇÃO dos princípios democráticos e cristãos que inspiram os homens que procuram fazer imprensa HONESTA.

C. AZAR.

REDAÇÃO

(Continuação da 5ª pág.)

NOTA — O presente trabalho, de autoria do nosso companheiro Mário Freylesben, foi redigido em princípios do corrente ano e, devido a um lamentável extravio, somente agora pode ser publicado no nosso jornal.

“O Tempo”, um jornal que é amigo do povo, que conhece as vicissitudes que envolvem a vida cotidiana dos cidadãos, não teve dúvidas em dar guarida à reportagem em tela, devidamente documentada com “clichês” elucidativos, espelhando com fidelidade o “pivot” dos acontecimentos que originaram a atual grande greve dos trabalhadores das minas de carvão de Santa Catarina.

Tendo sido feita para ser estampada num dos órgãos dos Diários Associados do nosso Estado — cuja direção, alegando motivos de força maior, deixou de fazê-lo — a reportagem em tela, agora lançada ao conhecimento do público, por certo incorrerá em alguns “senões”, perfeitamente aceitáveis, porquanto o tempo decorrido até a presente data, deve ter motivado algumas alterações, como por exemplo, um pequeno aumento na quantia registrada no salário de dezesseis cruzeiros diários; um encarecimento do custo da vida naquela região etc. . .

Nela, o reporter previu a concretização da atual greve, que preocupou profundamente as esferas governamentais do Estado e da União e que foi solucionada, graças ao entendimento que o Governador Irineu Bornhausen manteve na Capital da República com o Presidente Getúlio Vargas, conforme telegrama que publicamos em outro local desta edição.

A greve tardou alguns meses, mas, nascendo, tomou vulto e obrigou um reajustamento dos preços do produto tipo “lavador”.

Tudo está explicado nesse trabalho. Leiam-no, caros amigos, e deduzam o “porque” de toda a história.

Hélio K. Silva, Redator Secretário.

Agressão que revoltou toda a imprensa cidadina e o povo em geral

Há dias, o jornalista Aôr Ribeiro, do Diário da Tarde, foi agredido no Estreito. Abordado pela reportagem, o colega declarou-nos ignorar o motivo pelo qual foi agredido. No entanto, presume que os seus agressores foram pagos para realizar tão sórdida e baixa ação, que, sobretudo, vem ferir os brios de toda a classe. Há tempos, um jornalista especializado foi massacrado, sem que as autoridades tomassem as providências cabíveis. Cumpre, pois, colocar um paradeiro nessas lamentáveis ocorrências, pois a Constituição garante a liberdade de imprensa. Cabe a imprensa a tarefa de manifestar livremente seu pensamento, estando a coberto de coação. Os agressores do jornalista Aôr Ribeiro devem ser enérgicamente punidos, para que tais fatos, lamentáveis sob todo o ponto de vista, venham, futuramente, a se reproduzir. O atentado à integridade física do colega do Diário da Tarde significa uma ameaça a todos nós. Se não houver, com efeito, uma campanha de nossa iniciativa contra esses abusos, ver-nos-emos em situação desesperadora, de vez que entenderão outros, menos axiados, silenciar-nos pela força e por outros meios mais degradantes. Que se previnam todos os que integram a imprensa, visto que, o momento é de revolta.

“O Tempo” lança um protesto veemente contra a agressão sofrida pelo jornalista Aôr Ribeiro, esperando que as autoridades nos salvaguardem dos que não nos respeitam e dos que, a todo custo, querem subverter a lei de imprensa.

Volney e o congresso de S. Vicente

A Comissão Técnica do II Congresso Nacional dos Municípios Brasileiros, reunido na histórica cidade de São Vicente, Estado de São Paulo, acaba de aprovar, por unanimidade, as teses apresentadas pelo deputado Volney Colaço de Oliveira, da delegação da Assembléia Legislativa, sobre:

§ O Cooperativismo como fonte de revitalização dos Municípios.

§§ As Comunicações — telégrafo, radiotelegrafia e radiofonia, telefones e serviço postal — nos municípios.

E' necessaria, com urgência, uma reação rigorosa para coibir a “reprise” desses dolorosos incidentes, que nos colocam em posição extrema. Saberemos, na ocasião precisa,

Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina

O sr. Irineu Bornhausen, ilustre Governador do Estado telegrafa ao deputado Bulcão Vianna, em resposta ao seu cabograma, dando ciência da solução da greve dos mineiros;

NC 239 — Rio — 34 — 16 — 1.800.

Deputado Bulcão Vianna
Assembléia Legislativa —
Florianópolis — S. C.

Respondendo seu cabograma informo acabo conferenciar senhor Presidente República que determinou lavratura imediata decreto elevando preço carvão afim atender justa pretensão mineiros catarinenses pt saudações.

(as.) Irineu Bornhausen — Governador.

Homenageado o Pro. M. Neves

São Paulo, 16 (O Tempo) — O sr. Prof. Madeira Neves, que ora se encontra nesta Capital, acaba de ser homenageado, no Mappin Stores, com um almoço, que lhe ofereceu o emérito Professor Flaviano de Favero, a cujo ágape se associaram ilustres professores e médicos desta cidade.

Dr. Newton D'Avila

Regressou, ante-ontem, do Rio de Janeiro, onde esteve fazendo curso de alta cirurgia no Hospital dos Servidores do Estado, o sr. dr. Newton D'Avila, residente nesta Capital.

apelar para medidas drásticas no sentido de evitar que os violentos sejam banidos, e vivam entre animais, clima ideal para dar vasão a instintos primitivos.

Cel. Oswaldo M. Meyer

Encontra-se nesta Capital, havendo assumido o Comando da Guarnição Federal e do 14º Batalhão de Caçadores, o sr. Cel. Oswaldo Maury Meyer, ilustre oficial do Exército Nacional, o qual, por esse motivo, tem sido grandemente cumprimentado pelos seus camaradas de armas, amigos e admiradores.

O Tempo cumprimenta-o, com votos de felicidades no exercício desses honrosos cargos.

A volta de um Gangster

(Continuação da última pág.) aquele que ri de Justiça Eleitoral; aquele que traía o suborno de militares e a compra de políticos. As Classes Armadas devem estar atentas, porque essa nódoa que se chama Adhemar de Barros, quer o muito que vale um simples soldado razo. A volta do estadista que criou a maquina da corrupção no Brasil é a volta de um sábio. A volta de um traidor. A volta de um ladrão de dinheiros públicos. As forças vivas da nacionalidade devem despertar e escorraçar esse homunculo que preten República para si, seu bando, e meia duzia de oportunistas. O presidente Vargas conhece bem o indesejável retornante de hoje. E já estará sabendo também, que desde a viagem que fez a Itú, onde foi busca-lo para a campanha de 50, Adhemar já estava tramando a sua eliminação. Enfim: as bandas de musica do Estado estarão hoje á tarde em Curitiba recepcionando o genial dilapidador dos dinheiros do povo. E o Al Capone da política nacional, sorrirá satisfeito, ao constatar que ainda há tolos que batem palmas aos archi-criminosos que se deliciam em confundir suas contas correntes particulares com os fundos da fazenda pública. A volta de Adhemar prenuncia a pestade.

O Racismo Economico

Especial para o Tempo de Pierre Devoux

Já vimos em estudos anteriores as grandes linhas das teorias racistas, sob o ponto de vista étnico e filosófico, e também da ética. Tentaremos agora demonstrar como esta noção está tão fortemente arraigada na alma humana, que chega a envenenar toda a vida da humanidade.

Para bem compreender o assunto, devemos nos remontar ao passado. Não há 120 anos que a grande evolução humana começou! Somente 120 anos!

Desde alguns séculos antes de CRISTO, o homem até 1842 permaneceu sobre o mesmo plano de vida. O cavalo a galope era o único meio de transporte rápido. CESAR, ao tempo da guerra da Gália, ia de Roma à Lutécia a cavalo, como Balzac, em sua juventude, também não conhecia outro meio de locomoção. E por mar, a vela era o único modo de propulsão. Mas esta paralisia dos meios de locomoção e a ausência de máquinas não paralizava o cérebro humano, e Rousseau, Montesquieu, os pais da liberdade não deixavam de escrever suas obras. O pensamento humano teve um desenvolvimento mais completo durante este período de poucas atividades técnicas.

E eis que repentinamente, uma série de descobertas faz surgir nosso mundo de hoje. Somente duas gerações e o vapor é transposto pela electricidade. Máquinas de todas as espécies de trabalho aparecem, proporcionando possibilidades de produção, ultrapassando cem ou mais vezes a capacidade do homem. A aviação enfim liga os diversos continentes em poucas horas, o rádio transmite notícias dum extremo para o outro do globo, em alguns segundos. E a televisão vem ainda impor ao homem visões obrigatórias, dentro do seu próprio lar.

Apareceram nestes 120 anos teorias criticando a máquina, como tendo transformado o homem em escravo de uma nova espécie. Outros ainda se insurgem contra elas, alegando que são máquinas para a indolência. Marx e Ha-

levy apoiam sua teoria sobre a necessidade de deixar a propriedade da máquina exclusivamente ao Estado. Os liberais ao contrário pretenderam que a máquina iria melhorar a sorte da humanidade e por á disposição da massa riquezas reservadas até então somente aos privilegiados.

Mas deixemos os teóricos e consagramo-nos ao resultado. Longe de nos trazer uma melhora profunda, as invenções modernas nos mostram uma regressão do mundo atual. De um lado uma abundância chocante e uma riqueza desmedida, de outro lado, a miséria mais negra que há 120 anos, porque o povo tem agora uma esperança, uma ambição, um desejo.

A causa profunda desta regressão nasceu das invenções e descobertas deste século, é esta a teoria admitida por todas as leis de pessoas fictícias, de grupos anônimos de pessoa moral, como diz o algaravia jurídica.

Até o século anterior, o nome da pessoa, em qualquer atividade, que creiasse, que agitasse, era posto em evidência na vida nacional, como Ford, Chevrolet, Rotckfeller, Schneider, Hoeschling, etc;

Mas em materia econômica, aparece a sociedade anônima, que bem merece este nome. As sociedades anônimas, por intermédio de seu administrador ou dos seus administradores irresponsáveis, sentiram imediatamente as vantagens que poderiam tirar desta isenção de responsabilidade pessoal. Primeiramente, quanto aos operários, a quem se impôs normas de salários, que se estabeleceram de maneira draconiana, em todas as atividades; em seguida criando uma casta privilegiada "os engenheiros", que sob o pretexto de que passaram cinco ou mais anos de sua vida a estudar em escolas, onde nada se aprende, senão que é preciso prender-se para aprender, se fazem reservar estas posições nas direções das empresas e formam uma casta feudal, sem a qual nada pode ser feito em materia industrial. Eles transbordam

do quadro de sua razão de ser de espírito creador para se tornarem planistas, como é o caso da U. R. S. S.

Em materia administrativa estatística, o funcionalismo nasce desta irresponsabilidade, porque os serviços do Estado se tornaram paralelos aos serviços de sociedades anônimas, contra os quais o particular nada pode. Ele se revolta contra estas frases "standard", que todos nós conhecemos.

Devo eu referir-me ao conselho administrativo ou ao conselho de direção? Que são então esses conselhos? Nada mais que abstrações feitas para livrar toda a responsabilidade individual. Assim o pobre artesão que executou seu trabalho e pretende reclamar seu pagamento, ouve responder: Não podemos pagá-lo, é preciso que seu serviço seja verificado por tal comissão, que transmitirá ao conselho, o qual dará ordem á contabilidade, que lhe pagará, se o tesouro fornecer os fundos sobre os quais o trabalho deverá ser pago.

Desta vez nos encontramos diante de um racismo de classe. O funcionalismo publico, que nada mais é que o servidor daquele que o faz viver, pagando impostos ou criando riquezas nacionais, constitue em nossos dias uma verdadeira autarquia onipotente, que tudo pode, sem que seja possível atirar sobre ela as sanções normais mesmo das leis gerais em vigor.

Em virtude de que direitos? Em virtude de quais argumentos? Em virtude somente do fato que os fatos lhes deram uma certa superioridade sobre os outros.

Se em materia administrativa estatística, estes fatos são cada dia verificados por todos nós, em materia econômica pura, bem que a evolução seja menos limpa, porque o Estado fora do Estado Soviético ainda não tomou posição em sua função econômica, e portanto o dirigirmos e os "trusts" se tornaram onipotentes.

Sobre tais critérios algum funcionário do CEXIM po-

derá fazer chegar ao fim um requerimento para uma importação ou rejeita-lo? ... Terá êle os conhecimentos necessários, conhecerá tão perfeitamente a técnica para poder avaliar as necessidades daquele que solicita? Fica-se verdadeiramente abatido diante destes problemas. Mas o resultado é o mesmo por toda a parte, a paralização geral da produção, que é a unica característica verdadeiramente creadora de um país, e a ajuda aos organismos anônimos possantes, verdadeiros estados dentro do estado, cuja linha de conduta não é um desejo de melhora de nível de vida em geral para a humanidade ou para o homem, mas a conquista de riqueza e de poder para fins nulamente filantropicos.

Estas poucas linhas nos mostram este lado tomado pelo racismo economico. Ninguém ousa falar, mas alguns de nós se encontram ou já se encontraram diante desses obstáculos. As vezes, aquele que faz face a um problema desses é dotado pela natureza de uma inteligência, que pode se desenvolver e se estender, e então ele saberá fazer face á situação e resolve-la, mas o pobre desfavorecido ficará paralizado sem saber que fazer senão sofrer mais.

Posteriormente veremos as repercussões mais angustiantes destas teorias, tornadas incoerentes no espírito humano, o lado criminologico do problema.

CASA

Precisa-se alugar com urgência uma casa com dois quartos e demais dependências. Tratar á rua Arcipreste Paiva, n. 5, telefone: 1445.

Oferecem-se garantias (carta de fiança).

CONTRIBUIR PARA A ASSOCIAÇÃO CATARIENSE DE COMBATE AO CANCER É DEFENDER A SUA E A VIDA DO SEU SEMELHANTE.

Refrechando

Desta feita gostei mesmo da resposta do sr. G. Tal! Parecia-me ver uma cobrinha a se requebrar por todos os lados, mordendo o próprio corpo... após ter levado uma paulada, que lhe quebrou a espinha dorsal...!!! Vamos novamente por os pontos nos ii... Primeiro: "... assunto já passado e julgado", erradíssimo sem dúvida. "Péssimo frecheiro".

Isto é ambíguo... e dou-lhe duas respostas: leia o precioso livro de Carmen D'Ávila, "BOAS MANEIRAS"... e cuidado, que, referindo-se o seu "péssimo" à pontaria, verá, se for sincero, que o tiro saiu pela culatra...

Segundo: Leia bem ATÉ O FIM o artigo 141, § 7º da Constituição, salvo... e compare com o artigo 284, § 2º do Cód. Penal e com as estatísticas feitas pelos melhores psiquiatras, sobre os efeitos do Espiritismo... e verá que este é condenado tanto pela Constituição, como pelo Cód. Penal.

Terceiro: Então V. S. gostou do Frei Dale? Pois êle vai dar-lhe novamente... Teria sido ingenuidade de minha parte, pedir ao "eminente" dominicano a opinião sobre meu artigo n' A Gazeta de 26-9-52, sem pô-lo ao par e no ambiente da questão; e isto fiz, não só oralmente, mas entregando a Frei Dale o recorte do artigo de V. S., onde pela vez primeira protestara contra o Governador. Frei Romeu leu, e no fim disse, — paece-me vê-lo ainda com um sorriso amarelo e compassivo — "Este G. Tal é no mínimo positivista". Dá nele Frei! Agora Frei Romeu para V. S. de "eminente" passa a ser...? só porque não concorda com sua "cachola".

Quarto: Sr. G. Tal, por favor, cite-me UM SÓ Cardeal, UM SÓ Advogado de renome, católico praticante afirmando que a Constituição é a LEI das LEIS — agora atenção, moço — em tudo, também no tocante à moral e à religião. N. B. Cite-me, isto é, em outras palavras: citar a fonte, autor, obra, página etc., Repito, CITE UM SÓ, de RENOME, e A LEI DAS LEIS EM TUDO. Cite, do contrário, ficará desmoralizado com seus "milhares e milhares".

Quinto: Sr. G. Tal, não quero movimento... barulho; quero sim o bem da Verdade, e "o bem não faz barulho e o barulho não faz bem". "Calar por mal compreendida conveniência... é menos elegante"! Sem dúvida. Mas protestar tomando os pés pela cabeça... é ridículo! Ignorar é triste... mas ignorar a própria IGNORÂNCIA é desolador... é irremediável, enquanto não houver irrestrita adesão à Verdade. A sua última piada então é de arromba! E' novamente o caso "Ne sutor ultra crepidam": Não passe o sapateiro além do sapato!

"Adimplere" (Mateus, 5,17) não significa cumprir, mas sim encher até, implere ad: aperfeiçoar, completar; se bem que a Bíblia de Matos Soares erradamente traduza por cumprir; não se esqueça que S. Mateus não escreveu em Português, mas em Hebraico! E novamente o tiro pela culatra!

INGLÊS PRÁTICO PELO MÉTODO RÁPIDO E MODERNO

(Fonética Internacional)

PROFESSOR BOUSON

Praça 15 de Novembro, 20 — 2º andar.

Sr. G. Tal, antes de voltar ao nó da questão, peço para ler com a inteligência fresca e imparcial o REFRECHANDO de 6/10/52 n, "O Tempo", sobre o que é a VERDADE. Não se esqueça daquele exemplo tão claro como a linfa pura de uma fonte cristalina: dois mais dois são quatro, apesar das maiorias ou minorias, absoluto, fóra de nossa — inclusive de sua — cachola! AS LEIS DEVEM SER FEITAS PELOS TRAMITES DA VERDADE E NÃO ESTA FABRICADA PELAS LEIS! É mais do que evidente que a Constituição é a Lei das Leis, em assuntos puramente administrativos, que variam com as circunstâncias, mas não, em absoluto, em assuntos de moral e religião.

Vamos então é medula da questão: 1) Foi ou não foi a proibição do Governador anticonstitucional? 2) Errou ou não o Governador, proibindo a tal conferência? Respondo: Foi inconstitucional, lendo o § 7º do artigo 141, até onde V. S. o citou, concedo; lendo o que V. S. não citou, nego. Ou ainda, mesmo lendo só até onde V. S. citou, foi anticonstitucional, sem dúvida; mas é que entre um erro constitucional e a VERDADE, o sr. Governador preferiu esta, parafraseando o rifão de Aristóteles: "Amica constitutio, sed magis amica VERITAS" 2) Errou aos olhos positivistas, concedo; aos olhos da Verdade, nego. E vou exemplificar: Suponhamos que daqui a 50 anos, uma nova Constituição diga no art. 141, § 7º: "Todos os sífilíticos devem desaparecer pela eutanásia"; o que já aconteceu em países muito cultos, não faz um decênio. Ou mais claro: "Todos os cidadãos devem ir á Santa Missa aos domingos e dias santos". Pergunto agora, Sr. G. Tal, e quero ver a sua lógica: Deve ou não deve ser aplicada esta lei? Olhe bem, seria a Lei das Leis! V. S. forçosamente, se for lógico, deverá dizer que sim, deve ser aplicada, pois é a Constituição. — Pois eu lhe digo que NÃO! Apesar da Constituição! Digo que não, porque a constituição não tem nenhuma competência em assuntos estritamente religiosos, como não pode obrigar algo contra a lei natural. E como jurista que é, ou se diz, ou é tido, deve saber que toda a lei positiva, vale e póde urgir pelo menos enquanto não contradiga a Lei Natural.

Tem-se a impressão que para V. S. a VERDADE, o BEM, o DIREITO, são coisas fabricadas pelas leis, que podem mudar como os ventos em nossa ilha; ou melhor como ouvi há dias uma frase que me pareceu dizer muita coisa: que para V. S. a VERDADE é uma palavra que enche, enche, enche a bôca, mas deixa a inteligência vazia... vazia...!

Por hoje é só e assim pensou e provou, quer com quer sem "outros santos"! apesar do atrazo involuntário da "Bomba"!

H. SANTOS

Um novo representante do povo que propugna, na Assembléia Legislativa, pela criação de um Pronto Socorro

O deputado Enedino Ribeiro, na sessão do dia 25 de setembro p. passado, solicitou que a Assembléia Legislativa se dirigisse ao Chefe do Poder Executivo, no sentido de providenciar a instalação, junto aos Hospitais ou Casas de Saúde, de um pronto socorro, nos moldes que preconiza o dr. Cezar Avila. Não resta a menor dúvida de que está o ilustre homem público batendo-se por uma causa das mais justas, fortalecido nos seus pontos de vista por fortes argumentos.

Do discurso de S. Excia. extraímos o seguinte:

Como tôda gente sabe, não há Capital de Estado no Brasil, inclusive muitas cidades de importância do interior, que não tenham o seu serviço de Pronto Socorro; só Florianópolis não o tem, sendo uma linda e culta Capital. Temos um excelente corpo médico em Florianópolis, competente, estudioso e cumpridor de seu dever; bons profissionais em tôdas as especialidades médicas, Institutos de Diagnósticos Clínicos; Laboratórios de Microscopia e Análises Clínicas. Além dos grandes Estabelecimentos Públicos dos quais já nos ocupamos, o Hospital de Caridade, a Maternidade "Carlos Corrêa", a Casa de Saúde "São Sebasitão", tôdos êles sob a zelosa direção desas abençoadas criaturas, que são as Irmãs de Caridade, são Institutos que honrariam qualquer das grandes capitais do Brasil. No entanto, depois das 22 horas até às 7 da manhã, que dificuldade para se arranjar um médico: — o Apóstolo da esperança, do lenitivo e do refrigério, que sofre — está no seu lar, descansando da tremenda labuta diária do consultório, do Hospital da sala de operação; é penoso às dez horas bater-lhe à porta, é indelicado tirá-lo da cama... Mas, quanto enfêrmo, quantos acidentados padecem e perecem, às horas mortas, sem assistência médica. Só o serviço de Pronto Socorro porá termo à

esta irregularidade, à esta deficiência na assistência médico-hospitalar de Florianópolis".

Em seu discurso, o deputado Enedino Ribeiro transcreve uma carta que lhe foi dirigida pelo dr. Cezar Avila, que lhe pede o máximo de ardor em fazer sentir a premência de um Serviço de Pronto Socorro. E' o seguinte o teor da citada correspondência: (...) "Os serviços de Pronto Socorro isolados e autônomos desapareceram em tôdo o mundo, exceto no Brasil. São anti-econômicos e levam a verdadeiras complicações administrativas. O exemplo típico é do Pronto Socorro de (...) um panamá de despesa e cáos de encrencas políticas e de quejandas. O que se usa atualmente é obrigar a cada Hospital ou Casa de Saúde que tenha classe particular a manter um serviço permanente de Pronto Socorro (com médico de plantão, serviço de transfusão, de choque, ambulâncias, etc.) Os doentes indigentes atendidos terão os serviços pagos pela Municipalidade, por um preço X de tabela. Para cada casa de saúde um médico fiscal do Estado ou Prefeitura. Essas mesmas casas de saúde e hospitais atenderão os serviços a domicílio e ruas, chamados de assistência pública de urgência. E' muitissimo mais barato. E' o sistema que melhor resultado tem dado. Eu aconselharia tu defenderes êsse ponto de vista". Aí está, leitores, a correspondência lacônica, é verdade, do dr. Cezar Avila, mas que encerra, em si, o desejo ardente de criar algo que, de fato, venha beneficiar a população florianopolitana. Os nossos votos são de que o deputado Enedino Ribeiro continue a defender com obstinação a instalação de um S. P. S. em nossa Capital.

CONTRIBUIR PARA A ASSOCIAÇÃO CATARIENSE DE COMBATE AO CANCER É DEFENDER A SUA E A VIDA DO SEU SEMELHANTE.

Conselhos do Serviço Nacional de Cancer

O câncer é curável, se for tratado a tempo.

As manifestações iniciais são discretas e variam com as múltiplas localizações que pode tomar a doença no corpo humano.

Procure consulta médica, à menor perturbações da saúde.

Não adie para amanhã, um exame que hoje pode ser providencial.

O câncer é indolor, na fase inicial.

Habitue-se a inspecionar e palpar peridicamente seu corpo.

Na suspeita de câncer, impõe-se o diagnóstico exato, sem delonga.

A ignorância, a negligência e o medo são os maiores aliados do câncer. Não ignore os sinais reveladores da doença: a política de se enganar a si próprio é nefasta; a negligência faz perder a oportunidade de curar.

Submeta-se sem relutância à indicação do especialista.

Na suspeita de câncer, toda perda de tempo é prejudicial. Se no início em 5 casos curam-se 4, no fim talvez nem um sobre cinco.

Não confie em charlatões, nem drogas anunciadas.

O câncer não é hereditário, nem contagioso.

Na prevenção do câncer, as irritações crônicas devem ser

SINAIS REVELADORES.

Desconfiem . . .

— de nódulos ou endurecimentos indolores em qualquer parte do corpo, principalmente nas mamas;

— de feridas que não cicatrizam, particularmente na pele, lábios, língua e boca;

— de qualquer perda anormal de sangue;

— das verrugas, dos sinais e das cicatrizes que crescem ou mudam de aspecto;

— de perturbações do estômago ou da digestão que perduram por mais de 2 semanas;

— de qualquer alteração persistente das funções intestinais;

— de rouquidão ou modificações da voz, que apareçam insidiosamente;

— de qualquer dificuldade

no engulir certos alimentos;

— das perdas sanguíneas, nas mulheres, fora das épocas ou depois da idade crítica;

— de todo emagrecimento rápido, anemia ou cansaço, sem causa aparente.

Enfim, é sempre aconselhável peridicamente, um exame médico, mesmo na ausência de qualquer sintoma, para descoberta da possíveis lesões iniciais.

O Serviço Nacional do Câncer atende para exame qualquer pessoa portadora de lesão suspeita, aconselhando a terapêutica indicada, gratuitamente.

Locomotivas da Krupp no Brasil

Proposta de um grupo brasileiro àquela organização

ESSEN, Alemanha, 10 (T) — Dirigentes industriais brasileiros convidaram as poderosas industrias e produtor de munições da Alemanha, em tempo de guerra — a construir e ajudar a explorar no Brasil uma enorme fábrica de locomotivas — segundo anunciou um porta-voz que os representantes da Krupp foram sondados por "certo grupo brasileiro, há algum tempo, com o oferecimento de cooperação para o estabelecimento da fábrica de locomotivas". Frisou o porta-voz que a fábrica seria "um empreendimento inteiramente brasileiro", indicando, pelo menos, que a Krupp não controlaria a maioria das ações.

Uma comissão investigadora", presumivelmente brasileira, fez recentemente estudos visando determinar o tamanho final da fábrica e outros fatores pertinentes à construção, disse o porta-voz. As conclusões dessa comissão estão sendo agora estudadas pela chamada "comissão central". O porta-voz não disse que as "comissões" aludidas foram nomeadas pelo governo brasileiro ou por industriais brasileiros.

Uma nova Lourdes na Itália

— Uma pequena brochura de 90 páginas, assinada pelo dr. Alberto Alliney, especialista no estudo de curas milagrosas, revelou este mês à Itália que a gruta das Três Fontes, situada a 5 quilômetros de Roma, pode pretender o título de Nova Lourdes. Os 403 milagres aparentes que se produzem há cinco anos não pareciam ter comovido o Va-

ticano. Mas, desde julho de 1947, os círculos do Vaticano, sempre reservados em seus julgamentos oficiais, ordenaram secretamente a constituição de uma comissão médica.

A obra do dr. Alliney apresenta os primeiros resultados desse estudo. O relatório, que apresenta os atestados médicos e os nomes de dois pacientes, revela 35 casos típicos de

curas instantâneas e 53 casos de curas rápidas, incluindo as moléstias mais diversas: paralisia infantil, meningite, tuberculosa, nefrite difteria, astrose da coluna vertebral, etc.

O dr. Alliney concluiu: "Cabe à igreja decidir se esses resultados, cientificamente inexplicáveis, são de natureza miraculosa e divi-

na".

A história da Nova Lourdes começa em 1947, quando Bruno Cornachiolla, protestante fanático, em companhia de suas filhas, viu a imagem de Nossa Senhora Imaculada na gruta das Três Fontes. Desde esse dia Bruno, que era um anticatólico ardente e andava com um punhal para matar o Papa na primeira oportunidade, voltou ao catolicismo e resolveu purgar o seu erro anterior. Dedicou-se então a cuidar da gruta das Três Fontes e a propagar a fé católica.

A história de sua aventura foi conhecida de toda Roma em pouco tempo. Mas sua narrativa só provocava incredulidade e riso. Era preciso milagre que confirmasse suas palavras. Foi o que ocorreu algum tempo depois. Carlos Mancuso, ascensorista da municipalidade, sofreu um terrível acidente no elevador. Sofreu fraturas nos braços, nas pernas, na coluna vertebral e na bacia. Os médicos davam seu caso como perdido. Quando as dores aumentavam, debriavam a dose de morfina. Uma freira, no entanto, sabedora de seu estado, levou-lhe um pouco de terra da gruta das Três Fontes e aconselhou os parentes da vítima a passarem a areia pelo seu corpo. Minutos após, Carlos Mancuso se levantava e caminhava. Era um autêntico milagre. Os médicos, ao verem aquilo, ficaram surpreendidos. Tiradas novas chapas de raio X, sua surpresa foi ainda maior. Lá estavam, muito claras, as fraturas, nítidas precisas, mortais. Exclamaram: Não compreendemos. Deve ser um milagre!

— Exatamente! É essa a palavra! — contestou-se em responder Mancuso.

Agora, dois anos depois daquele fato, o jovem Cornachiolla, o antigo fanático anticatólico, conseguiu realizar seu grande sonho: foi recebido pelo Papa. E aproveitou a oportunidade para apresentar Sua Santidade com o mesmo punhal com que antes, pretendia matá-lo.

T.A.C.

AGORA COM

25%

DE

DESCONTO



Transportes Aéreos CATARINENSE S/A

RIO

SANTOS

PARANAGUÁ

CURITIBA

JOINVILLE

ITAJAÍ

FLORIANÓPOLIS

LAGUNA

TUBARÃO

LAJES

PORTO ALEGRE

DIARIAMENTE



AVIÕES MISTOS

Serão construídas duas usinas siderúrgicas, em Laguna e Vitória

Rrealizou-se dia 14 no Senado Federal interessante reunião, sob a presidência do Senador Ivo d'Aquino e a presença dos Governadores de Santa Catarina e Espírito Santo.

No plenário do Senado Federal, às 10 horas, esteve reunida a Comissão Nacional Pró Usinas Siderúrgicas de Vitória e Laguna sob a presidência do senador Ivo d'Aquino e a presença dos srs. Jones dos Santos Neves e Irineu Bornhausen, Governadores, respectivamente, dos Estados de Espírito Santo e Santa Catarina, Senadores Carlos Lindemberg, Francisco Galloti, Carlos Gomes de Oliveira Luiz Tinoco, Deputados Jorge Lacerda, Saulo Ramos, Francisco Lacerda de Aguiar, Napoleão Fontenelle, Coronel Iberê de Mattos, Coronel Juracy Magalhães, Deputado Professor Mauricio Jorpert, dr. Hildebrando de Queis; Jornalistas José Vitorino de Lima, Augusto de Almeida Filho, Gilberto Fontes, René Nunes, Humberto de Alencar, Julio Pires e Alberto Coutinho.

A mesa estava constituída do Senador Ivo d'Aquino, dos Governadores Jones dos Santos Neves e Irineu Bornhausen, do Jornalista José Vitorino de Lima e do Coronel Iberê de Mattos.

O líder da maioria do Senado, senador Ivo d'Aquino, saudou os Governadores presentes, em nome da Comissão Nacional de Siderúrgica, traçando-lhe o perfil político-administrativo e dando-lhes conhecimento do movimento iniciado pelo Jornalista José Vitorino de Lima e que hoje conta com o apêlo dos Governadores do Espírito Santo e Santa Catarina, das duas Bancadas no Senado e Câmara Federais, dos técnicos siderúrgicos e do próprio Presidente da República, de acordo com as afirmações dos senadores Alencastro Guimarães e d'Aquino.

Santo fez uma análise da situação geográfica do Espírito Santo e o que representa para aquele Estado a construção da referida Usina, o mesmo fazendo o Governador de Santa Catarina em relação a seu Estado.

O coronel Iberê de Mattos autoridade em assuntos siderúrgicos, fez magnífica palestra sobre o Plano das Usinas de Vitória e Laguna, respondendo ainda aos oportunos apartes do senador Walter Franco que, por coincidência é o relator do Plano Nacional do Carvão. Do referido Plano consta uma emenda do Senador Alencastro Guimarães, já aprovada na Comissão de Viação e Obras Públicas, criando uma verba de 500 milhões de cruzeiros para a construção da Usina de Laguna.

O trabalho do Coronel Iberê de Mattos foi apreciado por toda a Comissão, recebendo apoio unânime e, conforme anunciou o Senador Ivo d'Aquino, deverá ser entregue ao sr. Presidente da República, dentro de breves dias, pelos Governadores do Espírito Santo e Santa Catarina e pelo próprio Senador Ivo d'Aquino.

COMISSÃO DE ABASTECIMENTO E PREÇOS EM SANTA CATARINA FLORIANÓPOLIS

CÓPIA

De cabograma recebido a 17 de outubro de 1952 do sr. presidente da Comissão Federal de Abastecimento e Preços (COFAP) pelo sr. presidente da COAP neste Estado:

"NC - 131 - RIO - 44 - 17 - 1.300 - D

U R G E N T E

APOLONIO BOURET - PRESIDENTE COAP.

FLORIANÓPOLIS.

CHEGAREI AÍH SABADO AVIAO VARIG PARA ESTUDAR CASO CARNE SEGUINDO DOMINGO MANHA PORTO ALEGRE PT CONVOQUE PARA DE TARDE QUANTOS DESEJEM ENTENDER-SE COMIGO PT

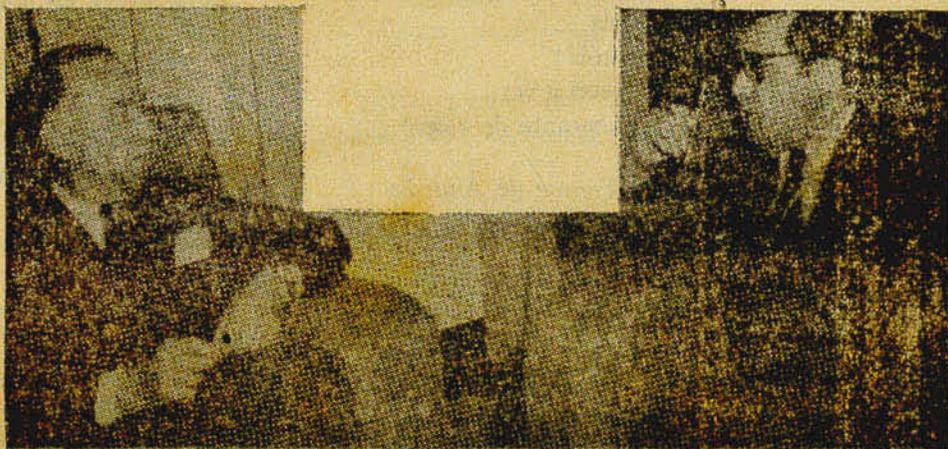
CONVOQUE REUNIAO COAP E INTERESSADOS CARNE PARA RESOLVERMOS TUDO PT

RESERVE DOIS APOSENTOS HOTEL,

ABRAÇO C A B E L L O"

NOTA: O dr. Benjamin Soares Cabello é o presidente da COFAP.

Conferencia entre o presidente Cabello e governador Bornhausen



O sr. Benjamin Soares Cabello, presidente da COFAP, recebeu em seu gabinete de trabalho, a visita do sr. Irineu Bornhausen, governador do Estado de Santa Catarina, que teve oportunidade de tratar com o titular daquele órgão, sobre assuntos ligados à economia do próspero Estado sulista. No clichê um aspecto da visita,

SECÇÃO LITERÁRIA

Direção de *LOURIVAL DE ALMEIDA*

ESTA VIDA...

Um sábio me dizia: "Esta existência
Não vale a angústia de viver. A ciência,
Se fossemos eternos, num transporte
De desespêro, nventaria a Morte.
Uma célula orgânica aparece
No infinito do Tempo... e vibra e cresce
E se desdobra e estala num segundo...
Homem — eis o que somos neste mundo!"
Falou-me assim o sábio e eu comecei a vêr
Dentro da própria morte, o encantor de morrer!

Um monge me dizia: "Oh! mocidade!
E's relâmpago aos pés da Eternidade!...
Pensa: o tempo anda sempre, e não repousa!
Esta vida não vale grande coisa!
Uma mulher que chora, um berço a um canto...
O riso, ás vezes... quasi sempre o pranto!...
Depois, o mundo, a luta que intimida!...
Quatro círios acêssos!... Eis a vida!"
Isto me disse o monge e eu continuei a ver
Dentro da própria morte o encanto de morrer!

Um pobre me dizia: "Para o pobre
A vida é o pão e o andrajo vil que o cobre!...
Deus?... Eu não creio nesta fantasia!
Deus nunca me deu pão, nem me deu água!
Nunca! Deu-me a vergonha, a infâmia, a mágua
De andar de porta em porta esfarrapado!...
Deu-me esta vida: um pão envenenado..."
Disse-me isto o mendigo e eu continuei a ver
Dentro da própria morte o encanto de morrer!

Uma mulher me disse: "Vem comigo!
Fecha os olhos e sonha, meu amigo!
Sonha um lar, uma doce companheira,
Que queiras muito e que também te queira!...
Um telhado... um penacho de fumaça...
Cortinas muito brancas na vidraça...
Um canário que canta na gaiola...
Que linda vida lá por dentro rôla!"
Pela primeira vez eu comecei a ver
Dentro da própria vida o encanto de viver!...

Guilherme de Almedia

EU GOSTO TANTO DE VOCÊ...

porque, sem você, a minha vida seria o vácuo, e os meus dias de inverno seriam despidos de calor...

Quando caminho com você, pelos jardins húmidos, sinto gostosamente a sua quentura mórna, tão sua, a envolver-me, acariciando-me a pele, dando-me a sensação de posse, de riqueza também, de felicidade até...

Mas, a suprema delícia, realizei-a *ontem*, noite fria,

Telefones úteis

TAC — Transportes Aéreos Catarinenses	1053
Cruzeiro do Sul	1500
Real	1358
Loide Aéreo	1402
Panair	1553
Varig	1325
Polícia	1038
Bombeiros	1313
A Gazeta	1656
Diário da Tarde	1579
Diário da Manhã	1463
O Estado	1022
Rádio Guarujá	722
O Tempo	1445
Falta de Luz	1404
Taxi	1400
"	1600
Hospital de Caridade	1036
Casa de Saúde	1153
Hotel Central	1694
Hotel Cacique	1449
Hotel Estrela	1371
Hotel Ideal	1659
Hotel Metropol	1147
Hotel La Porta	1331
Hotel Magestic	176

dormindo, quente, sentindo a sua pele na minha, a minha na sua...

Eu gôsto tanto de você, oh! meu inseparavel e querido sobretudo!...

SANTA CATARINA

Berço gentil das glórias femininas
Pousando à beira do oceano. A brisa
Leve e sonora sôbre ti deslisa
Entre flocos de neves e neblinas!

E quando o sol nas raias matutinas
Beija a face do céu formosa e lisa,
Da mata espessa um cheiro aromatiza
O dorso rebrilhante das colinas!

Na tua costa acidentada, as ilhas
Como se fossem raras maravilhas,
Guardam num gesto a graça que suplanta.

Amo-te pois, na minha fantasia,
O terra bela, abençoada e fria,
Onde palpita o nome duma santa!

DURVAL TORRES

("A Gazeta da Farmacia" Agosto de 1952).

Conta-Gotas

Osmar Silva

Estamos vivendo mais um dramático capítulo da grande novela inacabável. "A Carne e o Diabo".

A carne é a verde e o diabo...

Bem, o diabo... quem se considerar como tal que faça bom uso da carapuça.

E da cauda também.

x x x

A carne verde desapareceu, mas ninguém deve se impressionar.

Assim que amadurecer ela voltará.

x x x

Que graça tem um boi escondido com os chifres de fóra?

Nenhuma, não é mesmo?

Mas nós pagamos caro pela brincadeira!

Se o professor e jornalista Duarte Schutel fôsse vivo e conhecesse a rua que tem o seu nome, morreria de desgosto.

x x x

Um líder trabalhista afirmou que o sr. Getúlio Vargas armara que "o seu governo e o P. T. B. eram uma revolução em marcha".

O líder trabalhista esqueceu de acrescentar que a revolução é em marcha à ré.

x x x

Salve o senso de humor do sr. Prefeito Municipal.

Aqueles enormes guarda-chuvas juntos às cadeiras dos engraxates do jardim da praça 15, colocados por imposição da Prefeitura, são umas gracinhas.

"Passai fome, mas não molhai os vossos sapatos".

E' essa a legenda que está faltando.

x x x

Se quiserdes pensar nas misérias desta vida, na ausência da carne verde e na irresponsabilidade dos responsáveis pela stuação, instalai-vos comodamente numa cadeira de engraxate do jardim da praça 15, à sombra protetora de um guarda-chuva colorido.

A vida, agora, com guarda-chuva (e para-sol também) no jardim, é outra coisa.

x x x

"Este mundo é um vale de lágrimas".

E os crocodilos são os que mais choram.

x x x

O boi baba porque não pode cuspir na cara de certas pessoas.

x x x

O problema da carne verde vem preocupando seriamente os homens da COAP. O sr. Apolônio Bouret, presidente desse órgão especializado em conceder aumentos, foi ao Rio pentear os cabelos do sr. Benjamin, presidente da COFAF.

Vamos ver se êle descobriu o fio da meada!

x x x

Seu Apolônio Bouret

O TEMPO é um jornal sempre amigo dos amigos do povo, sempre inimigo dos inimigos do povo. Procure mante-lo livre e independente sem ligações políticas com quaisquer partidos, como si fôra uma antena do próprio povo. Para isso, solicite uma assinatura anual, enviando-nos Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) e preenchendo o certificado abaixo:

Nome

Rua e numero

Cidade

Estado

Importante: Faça a sua remessa exclusivamente para a Direção de "O TEMPO".

Rua Arcipreste Paiva, 5 — Cx. Postal 269.
Florianópolis — Santa Catarina

Camara Municipal de Florianópolis

Miguel Daux, Vice-Presidente no Exercício da Presidência da Câmara Municipal de Florianópolis,

Convoca, na conformidade do art. 33 letra A do Regimento Interno da Câmara Municipal de Florianópolis, os seus vereadores para uma reunião extraordinária a ser realizada às 20 horas do dia 20 do corrente, com a seguinte ordem do dia:

Discussão do problema do abastecimento da carne verde à população de Florianópolis.

Façam-se as comunicações devidas.

13 de outubro de 1952.

Miguel Daux — Vice-Presidente. em exercício.

Tem todas as leis na mão

Mas p'ro problema da carne

Não encontra solução.

P'ra resolver a parada

Ao Rio o Apolônio foi.

Não adianta. O Eliseu

Tem a faca, o queijo e o boi.

x x x

E nós temos ovos, linguíça e anchovas e uma vontade danada de comer carne verde!

x x x

Sempre que a carne verde desaparece, o verbo comprar, como indicativo do tempo presente fica sendo conjugado assim:

Eu compro

Tu compras

Êle explora

Nós compramos

Vós comprais

Êles exploram.

x x x

E viva o Brasil e as anchovas!

A VOLTA DE UM "GANGSTER"

SÉRIA AMEAÇA A SEGURANÇA NACIONAL, — RECEPÇÃO A CUSTA DOS COFRES PÚBLICOS — REINICIO DE UM ESQUEMA FUNESTO PARA O BRASIL

São Paulo (De Rodrigues Alves Filho, diretor da sucursal de O MUNDO) — Regressa hoje á tarde, a esta capital, depois de uma despreocupada viagem pela Europa, o sr. Adhemar de Barros. Já não é segredo para ninguém as homenagens que estão preparadas, arrostando a participação de organismos que, pagos pelo povo, não foram criados para fazer festanças de maiores políticos. Podemos mencionar: o "Coral Paulistano" e o "Coral Lírico", pertencentes á Prefeitura de São Paulo; e a Banda da Guarda Civil. Não é de estranhar esse verdadeiro desregramento. Os dois Corais, foram cedidos pelo prefeito da capital, homem da confiança de Adhemar e a Banda de musica, pelo sr. Elpidio Reali, secretário da Segurança, e dócil prêsna nas mãos do aventureiro. Quando de sua partida, que foi, aliás, agradável a todos os homens decentes, já o estadista da corrupção teve o "brilho" de bandas de musica pagas pelo Estado. Verifica-se, portanto, que o que o Adhemar quer, pede, exige, é "show". É um homem que sempre necessitou da propaganda e seus golpes. Não valendo nada, emergindo de um lodoçal político e administrativo, o antigo sócio da batóta não sabe viver sem o exhibicionismo. Se fosse um homem sensato, as qualidades morais serviriam para realçar a sua figura, a sua personalidade. Mas acontece justamente o inverso. O P. S. P. gastou rios de dinheiro para a recepção de hoje. Não importa que o povo deixe de bater palmas; não importa que quase ninguém dê importância a esse desembarque de um simples cidadão. As fanfarras, os fogos de artificios, a barulheira dos cumpinchas, servirão para "cortina de fumaça" do indiferentismo popular.

"A volta de Adhemar é uma grande ameaça para o próprio regime. Ninguém ignora que esse cidadão não respeita a lei, não respeita a sociedade, e não respeita a família brasileira. Respeita apenas aquilo que o interesse,

á flor da pele, determinar. Se contra o povo e contra o Estado. De hoje em diante Adhemar voltará a trazer inquietação á democracia; voltará a querer pressionar o governador Garcez; voltará ao seu abjetivo de apunhalar Vargas e o seu governo. Grandes decepções terão aqueles que raciocinaram de forma

Eterno criador de caso, Adhemar não olha para os meios. Enquanto esteve ausente, o país caminhou descansado, aliviado com a sua ausência confortadora. Ei-lo, porém, de volta. Vai deitar mentiras pelos jornais, contando mais vantagens que o celebre barão de Munchausen; e logo a seguir, fazendo de sua pessoa o centro do munodo, tentará levar á pratica o esquema da baderna que com seus homens de confiança, já traçou, há muito tempo.

São Paulo e o Brasil sabem perfeitamente qual o dinheiro que Adhemar gastou na Europa: o dinheiro roubado aos fornecedores do Estado; o dinheiro arrancado aos Casinos (100 mil cruzeiros por noite), aos bicheiros, ás prostitutas; o dinheiro das negociatas da farinha de trigo; do dinheiro das bandalheiras de compras de arranha-céus para o Estado (caso da aquisição do Palácio da Saúde). O dinheiro roubado, e está dito tudo.

Diz Adhemar que hoje tem dinheiro para comprar quem quizer. Sabemos disso. E, justamente por sabermos, é que lançamos um brado de alerta ao governo da República, ás classes armadas, á opinião pública do país. Desde que se fez homem público, Adhemar é a ameaça constante. Transaciona com qualquer um, desde que do conchivo lhe advenha vantagem. E não hesita em praticar toda uma serie de crimes, que vai desde a chantagem, desde ao osparcamento, á calúnia e ao assassinato. No dia em que o Brasil conhecer o que foi a sua verdadeira atuação á frente do governo paulista, recuará, repugnado, diante desse homem que só tem altura, só tem tamanho, uma altura e um tamanho tais que con-dizem perfeitamente com o tamanho da lista de crimes

diversa. Afinal de contas, Adhemar é um peculatório, um desonesto que se fez governo para formar fortuna pessoal. Tem contas a ajustar com o povo, e um dia custe o que custar, o povo fará esse acerto. A nação não poderá continuar deixando impune

(Continúa na 8ª pag.)

Gréve dos Marchantes!

D I B C H E R M

Ao iniciar-se a semana passada, Florianópolis foi obressaltada com uma gravissima noticia: os "marchantes" preparavam-se para a gréve. Marchante, no bom sentido bui-uês, é o cidadão que adquire o gado bovino do criador, manda a alma do boi pastar no alem, retalha-o e entrega o produto para o açougueiro servir ao povo. Marchante não é, pois, como possa parecer, o homem de mau semblante, armado até os dentes, montado num "puro sangue", com longas botas e um colossal chicote, que vai ameaçar a integridade da nação. Não, d' tintos leitores, marchante, para nós, é simplesmente O HOMEM QUE VENDE A CARNE, tão deficiente nesta rígida época, em que o melhor é apertar cada vez mais a cinta que já ultrapassou o último furo. Muito embora a novidade tivesse o sabor de um boato, a coisa consumou-se, tornou-se realidade, pois, na segunda-feira na mesa ilhóa o tradicional BIFE acebolado era substituído pelo peixe, que, felizmente, ainda não desapareceu de nossas piscosas águas. E entre a tristeza de uns (os amantes da boa carne bovina) e a alegria e indiferença de outros (os vegetarianos), discutiu-se em toda parte o porque daquela gréve, tão inoportuna quão curiosa. O preço — sim, o velho preço — era o pomo de discórdia...

Os marchantes alegavam prejuizo na tabela em vigência, mas o povo firme em seu propósito não desejava pagar um centavo além do estipulado. Há em tudo isso uma observação digna de registro: — já está passando o tempo em que a gréve era um direito dos menos favorecidos, isto é daqueles que exigiam algo para atenuar-lhes as agrúrias da vida; hoje esse aspécto já foi superado — a gréve (garantida pela Constituição) pertence a pretos e brancos, ricos e pobres, operários e empregadores... Com efeito, si a moda da gréve pegar, por paradoxal que pareça, chegará o dia em que os abastados capitalistas declarar-se-ão em gréve si os operários não atenderem ás suas reivindicações. Será mesmo excêntrico o momento em que os poderosos empregadores (fina flór do mundo burguês) com vastissimas memorias em punho, enfrentarem a massa proletária, a exigir acórdios, sob pena de gréve.

Paradoxos de um mundo que se diz evoluído: — gréve era, até então, o direito dos menos favorecidos; atualmente gréve é direito dos mais bafejados pela sorte. E enquanto as coisas continuam nessa inquietante trepidação, enquanto capitalistas e proletários prosseguem na luta incessante, fixemos os olhos no céu e em preces fervorosas, roguemos ao Todo Poderoso para que não permita a gréve do leiteiro, do padeiro, nem do verdureiro...